

A Presença do Outro

**Curso Livre do ICP-RJ realizado no primeiro semestre de 2009
na Seção-Rio da Escola Brasileira de Psicanálise
por Marcus André Viera.**

Transcrição e pesquisa inicial de referências: Leandro Reis

Índice

I - Alteridades

Da alteridade	
Outra alteridade	
Anti-evolucionismo freudiano	
Voz e Olhar	
Ressonâncias	
Vozes alucinadas e vozes musicais	

II – A voz e o Outro

Os “a”s da presença	
O objeto-voz entre eu e Outro	
O Imperador está surdo? (uma entrevista)	
Palavras	
A voz é polifônica	

III – Isso é um insulto!

Neurologia e sensorium	
Atribuição e percipiens	
Injúria e certeza	
“Porca” e atribuição subjetiva	
S1 e sujeito	
EssesUm e o grão da voz	

IV – As formas da certeza

O caso da cena imposta	
Palavras impostas, cena posta	
A extração da voz	
As formas da certeza	
A conexão da voz	
O Corpo do Analista e o DSM	

V – Entardecer

Fala, texto e significante	
Linguagem	
Passaporte para o sentido	
Alucinação e canção	
Sacrifício, assassinato e lálálíngua	
Trovão, tambor, Nietzsche e João Gilberto	

VI – Tônica e dissonante

Três interpretações	
Analista Outro... ..	
Tonal	
Modal	
A tônica equívoca	

VII – Ritmos

Texto, furo e objeto	
A sequência dos objetos	
O ritmo	
A voz afônica da onça	
A voz de Noel	
Dissonância e surpresa – outro João	

Bibliografia

Anexos

Sobre as alucinações entre os doentes mentais surdos mudos	
Forclusão: uma cena primária é imposta, por Simone Oliveira Souto (e comentários por Sérgio Laia)	
Na primeira pessoa, o estatuto da experiência alucinatória, por Guilherme Gutman	
As dissonâncias e o gênio João, por Adriano Aguiar	
Modos, Tons Diabos e outros Batuques, por Lourenço Astua	

III – Isso é um insulto!♦

Voz, sujeito e objeto: a alucinação como atribuição subjetiva

Neurologia e sensorium

A primeira coisa para que possamos considerar o lugar do sujeito nessa experiência é acabar com a idéia que a experiência alucinatória é uma excitação maquinal do *sensorium*. Estímulos que causaram que criaram uma imagem sem objeto. A abordagem lacaniana ou freudiana da alucinação nada pede à neurologia. Em outras palavras, ela, como vimos, não depende do *sensorium*.¹

Para quem considerar que ao deixarmos de lado os neurônios, sua anatomia e sinapses, deixamos tudo o que é material e concreto e entramos no mundo da pura especulação é bom lembrar que definir as experiências humanas a partir da neurologia só nos tira do pântano especulativo por acreditarmos em um modelo que pressupõe que o que vemos em nossos instrumentos corresponde ao que sentimos. Ora, isso só é possível graças a um ato de fé. É nossa fé na ciência que nos faz dizer que este fulano é o verdadeiro pai o teste de DNA deu positivo.

Medir uma alteração elétrica no córtex é possível, mas isso não nos dá acesso ao que nos interessa que é a experiência da alucinação. Ainda que fosse possível através desse procedimento dizer que o sujeito alucina, não se poderia ter idéia do que se passa.

Estamos na contramão da definição neurológica. Isso nos leva a deslocar o problema do *sensorium* para a dupla *perceptum* e *percipiens*.² Isso posto, lembremos que a questão não é saber qual dos dois prevalece. Mesmo a neurologia não conta apenas com o *perceptum*, ou melhor, sua ausência para definir a alucinação. Ela apela para algum tipo de modelo de medição do sensorio “mais” a falta do objeto.

A proposta de Lacan a esse aspecto não será dizer que não há objeto, ao contrário, que essa experiência é uma presença. Dessa forma, podemos dizer que ela não será definida pela ausência do objeto, mas sim por sua presença – é claro que não é o mesmo objeto de que se trata, é um objeto muito especial. Para fazer coro com o *Seminário 10* Lacan diz “não é sem objeto”.³

Esse objeto é do *perceptum* ou do *percipiens*? Antes a existência da alucinação estava atrelada ao *perceptum* e agora tenderíamos a dizer que é do *percipiens*. Mas ao nos dirigir a ele acabamos por nos encontrar em uma encruzilhada de vários sentidos e uma certeza. Um entroncamento polifônico, e uma presença.

Lacan fará essa inversão: o *perceptum* não está ou não está. Ele sempre está. Há sempre algo que excita nossos sentidos, por isso o *perceptum* em si, é um fluxo. Do ponto de vista do percebido o que se percebe é uma massa de fluxo de estímulos. É o percebente que recebe tudo isso e organiza, focaliza, distribui, recorta, “produz” assim os diversos objetos da percepção. Mas será que o percebente é tão poderoso? Não estamos dando força demais para o *percipiens*? Claro que sim, ainda mais porque ele não é unívoco. O *perceptum* não é um porque é um fluxo, e o *percipiens* também não porque ele é vários, ele é dividido quanto ao que vive, tem vários nomes e nenhum é perfeito, já que tomou todos emprestados do Outro.

Colocar uma experiência na conta do sujeito nem sempre funciona, no caso da alucinação certamente não. A alucinação não é uma produção do sujeito. Ele não pode se apropriar dela, como se apropria de uma vontade, ou mesmo de um sonho.

Supomos que algo no sujeito vê aquela coisa. Rapidamente acrescentamos é algo nele que “quer ver aquela coisa”. É como pensar que alguém que ouve vozes chamando-o de viado é no fundo gay. Não poderia ser isso que Lacan afirmou. Por isso mesmo é difícil.

Atribuição e percipiens

Retomemos, então, o que diz Lacan sobre a alucinação na *Questão preliminar*, nesse sentido Lacan diz:

- 1º) a alucinação se impõe por si ao sujeito em sua dimensão de voz;
- 2º) ela assume como tal uma realidade proporcional ao tempo (...) que sua atribuição subjetiva comporta; e
- 3º) Sua estrutura própria, como significante, é determinante nessa atribuição que, em regra, é distributiva, isto é, com diversas vozes, e colocando, portanto o *percipiens* como tal, pretensamente unificante, como equívoco.⁴

Duas observações: A “estrutura significante” atinge o *percipiens*. Vemos que não é o *percipiens* que produz uma palavra um objeto, mas, antes, o contrário. Lacan vai situar a alucinação entre *perceptum* e *percipiens*, ou seja, quando um mundo de sentidos, a estrutura significante, o Outro em suma, cruza-se com o fluxo de sensações indiscerníveis.

Segunda observação: isso comporta uma “atribuição subjetiva”. Aqui o texto de Miller é fundamental.⁵ O sujeito percebente é resultado do encontro entre a estrutura e o *perceptum*. Quando se cruza um fluxo sem sentido, com a usina de significações do Outro, temos algo que se pode perceber e alguém que pode percebê-lo. Um lugar de sujeito é constituído.

A alucinação não é um *perceptum* (negativo) que se imporia num fluxo arrumado. Ela é uma montagem da possibilidade de perceber. A alucinação nos ensina sobre como chegamos a perceber algo.

Sabemos que sempre que ele ouve o paciente diz que é com ele. É o básico da alucinação. Ela algo fundamental sobre dele.

Não é o sujeito que define a alucinação, mas a alucinação que define o sujeito. Isso fica claro no exemplo do imperador que é nosso caso do encontro anterior. Imperador que o define e não ele que, por desejar ser imperador a define. Dizer que ela diz algo sobre ele não entendamos que se diz algo sobre a verdade que ele é no fundo. Quando há a alucinação, ele passa a ser.

Há um esquematismo aqui, pois na esquizofrenia cotidiana isso é variável. A variação do ser dele em função da alucinação é muito mutável, dependeremos de um delírio para que as alucinações digam sempre a mesma coisa. Há também a medicação e as falas que vão junto e que dizem que ele é um sujeito legal, porém esquizofrênico. Isso também é uma fala do Outro que lhe dá atribuição subjetiva. Um anestesiamento geral com Haldol produzindo certo distanciamento dos fenômenos e então começamos a bombardeá-los com esse texto: você é isso, aquilo... Cedo ou tarde algum desses textos cola, porém da mesma forma que as alucinações poderiam colar.

Lutamos contra alucinação, mas ela é algo que na base define o sujeito dando a ele seu lugar, desde que ela possa ser lida, ou seja, faça laço. Laço esse que nem sempre é possível na psicose.

Injúria e certeza

Sempre que houver alucinação é um fragmento de texto do Outro que vem servir para conotar o real do sujeito. Essa palavra é o resto vocal arrancado do Outro que estrutura um dentro e fora, exatamente como os outros objetos: oral, anal, escópico e agora o vocal.

Qual é o ponto crucial da análise de Lacan? É que ele considera o todo formado pela injúria e por essa frase como uma cadeia significante que foi quebrada, ou seja, em que se produziu uma distribuição de designação subjetiva. O “estou vindo do salsicheiro” é atribuído ao sujeito, que pode então reconhecer que ele o pensou, enquanto que a palavra “porca” foi arrancada dessa cadeia significante para ser atribuída ao Outro.⁶

Nesse caso esse fragmento de texto tem muito pouco sentido. É um S1 sem S2 diz Lacan. Para exemplificar essa palavra temos aquilo que Lacan no *Seminário 3* e na *Questão Preliminar*⁷ chama de injúria. A melhor forma de nos aproximarmos dessa experiência alucinatória talvez seja a injúria. Ela é um a palavra que se apresenta inicialmente sem sentido. O que quer dizer *viado* ou *vaca*, por exemplo? Essas palavras tendem, quando usadas como xingamento, a nomear o real do sujeito.

É como o *Luder!* de Schreber, extensamente comentado por Lacan⁸, ou, em certa medida, o “Imperador” de Cramer.

P- Como você sabe que é chamado de Imperador?

R- Porque então me nomeiam por toda parte “Príncipe”? E porque dizem eles na minha cabeça que sou um... que lê pensamentos?

Enquanto ela esta polifônica o psicótico, por exemplo, diz que “essa presença é do Outro”. O que fazemos nós neuróticos é dizer “essa presença é minha”. A voz está entre os dois, mas pertence a mim. Será que sou *vaca* ou não? Vem de dentro. Mas ficamos ouvindo essas vozes, que nada mais são que nossos pensamentos. Ela se usa das mesmas falas perdidas, acidentadas, restos do encontro com o Outro. Porém, podemos pensar que em algum momento desses a voz que me separa e me reúne é do Outro. Se ela é minha, neurose se ela for do Outro, psicose para dizer esquematicamente.

É o que demonstra o célebre caso da alucinação “porca”. Não é dizer que toda alucinação é um texto e sim que ela se presta a tornar-se texto. E a voz tem esse dom de ser algo legível.

“Porca” e atribuição subjetiva

Retornemos a frase do Lacan: a alucinação é uma “atribuição é subjetiva”⁹ a partir da seguinte indicação de Miller que resume um pouco nosso percurso até aqui:

Neste ponto, podemos formular que a voz é uma dimensão de qualquer cadeia significante, na medida em que qualquer cadeia significante – sonora, escrita, visual, etc. – comporta uma atribuição subjetiva, ou seja, designa um lugar para o sujeito. E essa atribuição subjetiva, na regra, diz Lacan, é distributiva, ou seja, não é de maneira alguma unívoca.¹⁰

“Atribuição subjetiva” não deve simplesmente entendido como “Tu és porca”. Apesar de que a experiência que nos é relatada é essa. “Todos me chamam de imperador ou príncipe”, por exemplo. Lacan nos mostra que não é simplesmente isso. Se não ia ficar muito direto. Ele é nomeado, mas não é bem assim. Ele não se identifica completamente com isso. Inclusive o paciente fala que é um delírio total ele ser um imperador. Ele tem, com efeito, uma distância em relação ao imperador. Em geral é uma experiência violenta e por isso ele esse afasta. A perseguição vem justamente do fato que imperador não é o nome dele, ou melhor, é e não é. Na verdade ela toca no real. Dá uma atribuição subjetiva não localizada. Estão falando de mim, não quer dizer que isso que falam sou eu, mas que ali “tem” eu.

Como sabemos, Lacan entrevistava uma paciente diante dos tantos alunos e residentes do hospital Ste Anne.¹¹ Ela dizia ter passado pelo vizinho no corredor e ter ouvido “porca”. No cruzamento de que nos referimos há o grito “Porca!” que me localiza como sujeito, porém não quer dizer que o sujeito seja porca. Lacan ironizava dizendo que a sua cachorra não tinha dúvidas de quem era ela. Se fosse chamada ela veria. Ela não se pergunta: “o que ele quer de mim?”

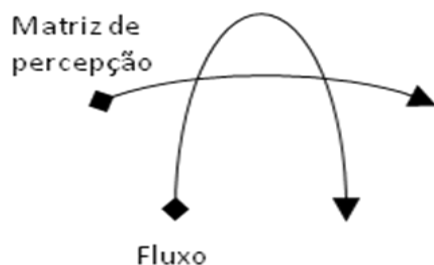
Ele pergunta a ela, não o que ela achava que isso queria dizer, mas apenas o que ela estava pensando antes. Ela diz: eu pensava “eu estou voltando do salsicheiro”.

Essa frase sintetiza o tanto do discurso do Outro que narra nossas existências, que as engloba e lhes dá os sentidos que a cultura dispõe, os amores, odores e ideias de tantos que nos antecederam. Como na música do Chico, futuros amantes se amarão com o amor que eu deixei para você”. Consideremos que “Eu venho do salsicheiro” faz parte de todo discurso

sobre você, tudo que você ouve quando criança, ou ainda quando se ouve rádio. O discurso ambiente é esse rádio ligado em que corremos uma estação a outra.

Do outro lado algo que se arranca disso tudo, um bloco de significação que não está mais encaixado e que por isso mesmo nomeia melhor do que todo o resto. Isso crava-se no sujeito e passa a dizer algo mais que as outras palavras, sem por isso dizer tudo – sem dizer a verdade.

Podemos visualizar isso com o grafo do desejo.



Aqui teríamos o *perceptum*, no fluxo, o fato de que ouço ou vejo coisas, ou seja, o fato sensível em geral. As coisas estão no fluxo em potencial. A outra linha seria um ser a princípio capaz de perceber, mas sem matriz de percepção alguma. Ele não tem nenhum objeto na mente dele do tipo “Eu-já-sei-o-que-é-o-leite.” Nesse cruzamento temos alguma coisa. Essa estrutura básica no esquema do Lacan é “Eu venho do salsicheiro”.

S1 e sujeito

Pensemos no estatuto desse grito: “Porca!”. Lacan diz não pense isso sem relação com outras coisas, e que seu peso se deve ao fato de ele, esse grito, ter sido proferido. Ele deve ser pensado em relação ao fluxo que habita o percebente e um percebido.

Os pássaros do presidente Schreber seriam um bom exemplo. Isso dá um pouco o exemplo para essas significações inacabadas. Eles falam e falam, mas não sabem o que dizem. Como isso se personificará nessa figura que fala a e fala e dizem que me ama que é a mãe? Teremos que recorrer a esse cruzamento

Nosso paciente diz. “Imperador é absurdo”. A atribuição da qual Lacan fala não é uma identidade. Uma identidade não é lugar do sujeito. O delírio não é uma tentativa de localização e sim a alucinação.

Lacan deu um lugar de peso à alucinação do dedo no caso dos Homens dos Lobos. Ali ele parece se opor ao que estamos propondo, pois fala da alucinação segundo sua fórmula: o que foi foracluído no simbólico retorna no real. A alucinação seria o efeito da foraclusão e esta determinaria a estrutura psicótica. Certo, mas vejamos. Primeiro é preciso lembrar que esse exemplo serve mais a Lacan para tornar paradigmática a foraclusão e a estrutura psicótica do que propriamente para abordar a alucinação. Em segundo lugar, observemos o quanto este célebre aforismo de Lacan encerra uma temporalidade própria. Ele parte do simbólico com já constituído, da foraclusão do Nome do Pai que sobre ele incide, para *a seguir* localizar a alucinação. Todas as indicações de Lacan sobre a estrutura como algo que é ex-nihilo, que não tem origem escalonada ou progressiva etc, nos autorizam a não considerar que esta ordem é a única possível. Podemos invertê-la, por exemplo, pois ela está ali muito mais para fins didáticos do que de estrutura, e propor outra fórmula, tão lacaniana quanto essa e em vez de dizer que a estrutura psicótica causa a alucinação, afirmar que a alucinação vai de par com um delírio e que os dois manifestam uma estrutura onde há uma foraclusão essencial.

No lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir, porque vinda no lugar do que não tem nome.¹²

A partir disso, podemos caracterizar esse significante da alucinação, que ele exemplifica com o esquema do insulto, como significante no real nem tanto por ter sido expulso de algum lugar

constituído e mais por estar desencadeado, fora da cadeia ou, como ele o caracterizará mais tarde um S1, não articulado com um segundo que viria lhe dar o significado, S2.

Lacan monta seu esquema a partir de uma “intenção de significação” primordial, de nenhum sujeito, mas sim de um pré-sujeito. Essa intenção cruza-se com o Outro e disso resulta a voz e a alucinação. Dessa forma, a alucinação parece um resultado. Mas podemos também dizer que algo se extrai da cadeia como resto e esse delimita um sujeito como intenção de significação prévia.

Mas se um significante for puro real ele não é mais significante. Temos que falar um pouco que a ideia de atribuição subjetiva não é alguém que adquire identidade. Não é exatamente alguém que vai ao AA todo dia e diz eu sou alcoólatra e alguém que diga eu sei que sou, mas não sou tanto. A identidade fixa é sempre algo que vai requisitar um trabalho para que se localize outra coisa. Quanto mais fixa mais porca ela será. Então há qualquer coisa de uma rigidez que nesse caso que não é exatamente que chamamos de lugar de sujeito. Esse lugar por excelência é um lugar dividido evanescente. Sabemos que o lugar do sujeito nem sempre é uma maravilha, mas temos que dizer que ele não é o sujeito da psicanálise. O sujeito pode começar insistir que o lugar na cadeia significante desde que algo se extraia dela e venha cortá-las do mar de falas do Outro.

Imaginem esse mar de falas do Outro como, por exemplo, o discurso familiar, isso é um processo tem certo número de discursos desse mundo que me nomeiam, por exemplo. O discurso é todo do Outro. “Você é uma graça” diz a mãe. Fala na qual que a pessoa, por algum motivo, acredita. Algo se extrai dessa com algaravia dos pássaros miraculosos, vai nomear se ele se articular com outros significantes ele recorta certo número de falas que vão representar e nelas haverá reconhecimento - ainda que se esteja sempre entre elas - se não teremos uma injúria violenta.

Organiza-se um delírio diminui alucinação. Isso não seria contra a psiquiatria. Quando ele nomeia um perseguidor, por exemplo, ele se acalma. Ele pode claro, ficar mais perigoso.

EssesUm e o grão da voz

Sobre isso a ideia de buscar o sentido na vida da paciente Lacan diz: que poderia considerar que quando se alucina porca (caso abordado no seminário 3: As psicoses tem relações com a família que ela já correu o risco de ser picadinha. Porém, ele diz que não é isso. Entrevistou a moça e num momento ela conta que lhe chamaram de porca- classicamente uma forma de alucina auditiva sobre a forma de insulto. A primeira opção neurológica diria que é uma falha uma representação sem objeto. Segunda opção: Psicológica. Seria dizer que no fundo ela é muito sofrida, apanhou muito, o pai era açougueiro, então isso tem a ver com sua história. Isso não sustenta, pois as ficções não seguram.

Na psicose o imaginário nosso não faz efeito no real. Ele ouve o que você eventualmente falou, mas depois está pensando em outra coisa. Lacan critica isso. Ele não diz que a história não vale nada, mas que os sentidos maternos não sejam fundamentais. Lacan pergunta para ela: O que você estava pensando na hora que você ouviu. “Eu venho do salsicheiro” Tem algo a ver. Ficamos numa relação entre as duas leituras a próxima e a psicológica. Não tem nada a ver, pelo menos pelo imaginário. Pensamos que são dois significantes que se opõe na Cultura, no Outro. Os significantes porca e salsicheiro estão conectados no mundo. Ela como nós quando pensa salsicha ouve porco, ou seja, aparece um pensamento e vem um significante. Só que esse significante não vem como a explicação do outro, vem no real. Ele não vem como se ele fosse o sentido do primeiro.

Aparece como uma coisa passível de ser nomeado. Acontece que entre esses dois salsicheiro e porca às vezes se cai muito para um lado. Quando se fica demais no porca perde-se o sujeito. Entre dois é possível trabalhar e esse é o problema da atribuição subjetiva na alucinação. O

problema da alucinação que ela é muito pouco $S_1 - S_2$ ela é só S_1 . Salsicheiro e porca. Temos dois. Mas porca, porca, porca. Não se tem espaço para ser talvez outra coisa.

O que Lacan vai dizer em breve e que isso não é só coisa de psicose não essa estrutura é de todos nós, pois estamos nos escondendo entre dois significantes. Nós neuróticos sabemos o que é S_1 . Se um dia você foi xingado e sentiu um ódio profundo talvez aquele significante nomeou o seu real e não sobrou mais nada para se ser outra coisa. Por isso o insulto tão dolorido. Se você é ofendido e consegue dizer sim eu sou porca, mas nem tanto a ofensa vai embora. Agora se aquele xingamento não engatilha com mais nada. Você é isso. A força do insulto é que ele é só um significante. A arte do insulto é procurar os significantes que por alguma razão não remetem ao Outro. Por que vaca não remete a outro?

O segundo exemplo para isso é a palavra de amor. O imaginário mais cru costuma ser a palavra de amor. “Unindo-se a sua opacidade [do significante] aos dardejamentos do amor, quando, na falta de um significante para denominar o objeto de seu epitalâmio, ele emprega a intermediação do imaginário mais cru: “Eu te como... - Chuchuzinho” “Estás todo derretido... - gato”¹³

Essas palavras têm força, pois são S_1 e parecem nomear o real, ao mesmo tempo são aprisionantes. Os amantes sabem a força da alucinação verbal, pois usam coisa semelhante na cama por exemplo.

Esse nome enunciado toca de uma forma diferente de uma enunciação de um conteúdo. E diferente também de um silêncio que diz da paixão para retomar nossa escala sobre RSI. Imaginário é, por exemplo, dizer “Você é o amor da minha vida...”. Simbólico o silêncio da ausência de palavras do amor, ou lágrimas masculinas, o homem que chora de paixão. Já o terceiro que queremos marcar. É a fala de amor. A fala de amor como uma palavra, um significante que não remete ao Outro.

É o que Barthes caracterizou como o grão da voz e que podemos aproximar do que Lacan chamou letra: um S_1 puro que, se exteriorizado será o insulto a o horror da alucinação, mas que se corporificado, subjetivado será o mais próximo deste ponto entre letra e música, entre língua e voz, em que se assenta o sujeito.

O grão da voz é o “espaço em que a língua reencontra uma voz (...) o grão da voz, quando esta se encontra em dupla postura, em dupla posição: de língua e de música” (...). O grão será isso: a materialidade do corpo falando sua língua materna. Talvez a letra; quase seguramente a significância”.

Por isso Miller sustenta que:

A palavra amarra um ao outro: o significado – ou melhor o “a significar”, aquilo que deve-se significar – e o significante. Esse enlaçamento comporta um terceiro termo, que é o da voz.

E ainda:

A instância da voz merece inscrever-se como um terceiro entre a função da palavra e o campo da linguagem.

E finalmente:

Não nos servimos, portanto, da voz. Ela habita a linguagem, ela a assombra. Basta dizer para que emerja, para que apareça a ameaça daquilo não se pode dizer. Se falamos tanto, se fazemos colóquios, se conversamos, se cantamos e ouvimos os cantores, se fazemos e ouvimos música, a tese de Lacan comporta que é para calarmos aquilo que merece ser chamado de voz como objeto *a*.¹⁴

♦ Sexto Seminário: A presença do Outro. Realizado no dia 7 de maio de 2009. Transcrição e pesquisa inicial de referências por Leandro Reis.

¹ “(...) deveria parecer legítimo a qualquer exame não prevenido da alucinação verbal, por não ser ela redutível, como veremos, nem a um *sensorium* particular, nem, sobretudo, a um *percipiens*, como aquele que lhe daria sua unidade” Lacan, J. (1957-1958) De uma Questão preliminar a toda tratamento possível das psicoses. Em: Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998. Pag. 538.

² Segundo Lacan esquecem de “interrogar se o *perceptum* em si deixa um sentido unívoco no *percipiens* aqui requisitado a explicá-lo”. Lacan preocupa-se com isso para “não ser ela [a alucinação verbal] redutível, como veremos, nem a um sensorium particular, nem, sobretudo, a um *percipiens*” Lacan, J. 1998, pág 538.

³ Lacan, J. *O Seminário 10: A angústia*. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 101 e Vieira, M. A. *Restos – uma introdução ao objeto lacaniano da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, verbete “angústia”.

⁴ *Ibid.* p. 539.

⁵ Miller, J. A. Jacques Lacan et La voix, *Quarto, revue de l'ECF-ACF em Belgique*, n. 54, junho de 1994, pp. 47-52.

⁶ *Ibid.*

⁷ Lacan, J. *O Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: JZE, 1985, p. 59 e seguintes.

⁸ Lacan, J., 1998. Pag 579.

⁹ *Ibid.* p. 539.

¹⁰ Miller, J. A. *Op. cit.*

¹¹ Cf. Lacan, J., 1988, p. 540 e seguintes.

¹² Lacan, J. 1998, p. 541, ou ainda: “O que podemos dizer é que, para o sujeito, é manifestamente alguma coisa do real que fala” Lacan, J. 1985, p. 63.

¹³ Lacan, J. 1998 pag. 541.

¹⁴ Barthes, R. *apud* Tatit, L. *Semiótica da canção - melodia e letra*, São Paulo, Escuta, 1999 (2ª Ed.), p. 260 e Miller, J. A. *Op. cit.*